

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001

**Carolina Messoria Bagnolo**

É contra uma posição neutra e descompromissada e puramente quantitativa de pesquisa social, fruto da perspectiva positivista de ciência, que Pedro Demo, professor titular de sociologia da Universidade de Brasília, desenvolve o livro **Pesquisa e informação qualitativa**.

Todavia, é importante notar ao leitor que Demo não se posiciona contra a pesquisa quantitativa. Seria um erro imaginar que tem esta pretensão. Não a descarta, por ser a outra face do fenômeno qualitativo, entendendo que não existe tal dicotomia. Mas tem sim a pretensão de mostrar que a pesquisa qualitativa pode vir a servir como instrumental metodológico, para que não caiamos no que denomina por “ditadura do método”: adequar o fenômeno ao método, e não o método ao fenômeno. Para tanto, busca algumas diretrizes para uma maior formalização da pesquisa qualitativa, dada a necessidade de conferir-lhe maior credibilidade científica, para que então esta possa ser tão utilizada quanto à pesquisa quantitativa. Buscando esta formalização, estaríamos legitimando a pesquisa de cunho qualitativo.

No capítulo 1, Demo demonstra ao leitor as principais diferenças destes dois tipos de pesquisa, diferenças que são importantes e retomadas em todo o livro: a idéia de extenso e intenso.

Por extenso Demo entende a pesquisa lógico-experimental ou quantitativa, tipicamente positivista. Tradição dominante da pesquisa científica, podemos perceber suas características no decorrer do texto de Demo: replicabilidade e neutralidade/objetividade.

Uma das vantagens desta pesquisa extensa é sua replicabilidade, ou seja, a pesquisa pode ser testada e refeita por qualquer outro membro da comunidade científica. O autor reitera que o extenso é facilmente ordenado, mensurável e preferido pelo método científico, o que acaba por execrar “o individual, o subjetivo e o inesperado” (p.17), deturpando parte da realidade que é naturalmente desordenada. Mas não é sob este ponto que Demo faz uma análise mais detalhada da pesquisa extensa. É, principalmente, sob o aspecto da neutralidade e objetividade, que são os pressupostos máximos da pesquisa lógico-experimental.

Demo, para ilustrar esta pretensa neutralidade, coloca como exemplo uma pesquisa sobre a felicidade, onde utilizou-se a pesquisa quantitativa. Para analisar a felicidade de

indivíduos, colocou-se um bip para captar os momentos de felicidade deste indivíduo. O pesquisador participou obviamente da pesquisa, mas de uma forma distanciada: em nenhum momento houve uma interação entre o “sujeito pesquisador” e o “objeto pesquisado”. Toda ação é meticulosamente calculada, o pesquisador pouco sabe sobre as emoções e desejos do entrevistado. O autor ainda cita o fato de chegar-se ao ponto de propor entrevistas sem a presença do entrevistador, a fim de preservar a objetividade e neutralidade do processo.

Dentro desta perspectiva, a pesquisa extensa “[...] abomina o individual, o subjetivo, o inesperado, o imprevisível, em nome das recorrências com as quais sempre se poderia contar e do mesmo jeito, bem regulares”(p. 17).

Assim, podemos colocar que Demo nomeia a pesquisa quantitativa de extensa, pois esta percebe somente a extensão dos fenômenos, sem aprofundar a análise para além daquilo que está posto e observável.

É em contraponto a esta visão de pesquisa científica refém do método científico que Demo delinea o que para ele chama pesquisa qualitativa, ou pesquisa intensa. Esta se opõe à pesquisa extensa, pois pretende captar “[...] a não linearidade, a dinâmica contrária de cariz dialético, a surpresa das subjetividades e das individualidades, o caótico criativo” (p. 15). A realidade, dentro da perspectiva da pesquisa intensa, é formada por traços irregulares, um todo intenso, profundo, provisório, envolvente e participativo.

Podemos sintetizar o pensamento de Demo neste primeiro capítulo através de algumas marcas de intensidade que o mesmo propõe para entender a realidade: a dialética não-linear, a criatividade, a subjetividade, a complexidade, a perfectibilidade, a politicidade e a processualidade. Essas marcas seriam, assim, a síntese da pesquisa de cunho qualitativo.

Como o próprio título sugere, “sujeito e objeto”, segundo capítulo da obra, faz uma análise desta relação, tão “evidente” para a ciência positivista, e tão discutida por parte da pesquisa qualitativa.

Evidente para a ciência positivista, pois esta entende o sujeito totalmente desvinculado do objeto. Já para a pesquisa qualitativa, que Demo defende nesta obra, enxergamos a realidade assim como ela é, mesmo quando vemos como podemos. Ainda, argumenta que não podemos ver a realidade de fora, pois somos parte integrante desta.

Neste contexto, não existe um sujeito e um objeto na suas concepções clássicas. Temos aqui um sujeito-objeto, que envolve-se na pesquisa e que faz com que a pesquisa qualitativa seja intensa no sentido de buscar, na profundidade do fenômeno, explicações para o problema.

Se não há esta neutralidade ou este afastamento do objeto de pesquisa, como então fazer pesquisa científica? Demo aponta algumas diretrizes.

Demo coloca a necessidade de se realizar o que chama de *standspoint epistemology*. Esta diretriz mostra que o analista social deve sempre se colocar no lugar do entrevistado, para buscar entender o outro, buscando sinais que complemente sua interpretação – a cultura do entrevistado, a história, a maneira de expressar-se, entre outras. Para Demo, “a melhor maneira de ser ‘objetivo’ [...] não é deturpando a imisção subjetiva natural, mas respeitando sua dinâmica e, assim, controlando de modo menos deturpante o processo de captação” (p. 33).

No capítulo 3, Demo faz uma análise da hermenêutica de Thompson, onde mostra as etapas de análise qualitativa: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e, por último, a interpretação/reinterpretação. Para tanto, faz-se necessário na perspectiva de Thompson, desconstruir a expressão simbólica, para buscar na fala aquilo que está camuflado. Depois, reconstruir o fenômeno sob a ótica do intérprete.

A partir desta proposta, Demo faz algumas colocações, propondo uma reinterpretação da proposta de Thompson. Diz Demo que Thompson não dá a devida importância ao quadro de referência. Este, de acordo com o autor, “[...] pode dizer muito, se a teoria o fizer dizer, porque sua voz não provém dele mesmo, mas da montagem teórica em que é apanhado” (p.46). Além disso, desenha hipóteses, que propiciam um roteiro de análise ao pesquisador. Assim sendo, o referencial teórico deve fazer parte da pesquisa qualitativa.

Os capítulos 4 e 5 tentam operacionalizar os argumentos até aqui expostos. Sem adentrar nos detalhes dos casos exemplificados pelo autor, este mostra as etapas da pesquisa qualitativa, através do que ele chama de exercícios simulados. São interessantes, pois propiciam ao leitor uma visão do que seria, na interpretação de Demo, uma análise qualitativa.

No capítulo 6 Demo mostra que a pesquisa qualitativa deve ser o método preferido quando tratamos de analisar a realidade dinâmica e não-linear, principalmente quando exige-se uma contextualização histórica, interpretação e reinterpretação. Corre-se o risco (quase certo) de não conseguir generalizar os casos, mas Demo coloca que a idéia de verdade hoje está abalada, o que nos remete ao caso da exemplaridade.

Por fim, Demo conclui que se propôs a defender a pesquisa qualitativa, tentando dar-lhe credibilidade científica. Interessante notar que tenta algo que a todo momento critica em sua obra: legitimar a pesquisa qualitativa como método científico, formalizar algo que por si só não é ordenável – a realidade complexa, objeto da análise social. Para tanto, cabe levantar

uma questão: que visão de ciência o autor está trazendo com esta discussão? Estaria ele propondo um novo modelo de ciência?

A leitura desta obra de Pedro Demo é recomendada a todos que trabalham com a produção do conhecimento e que se preocupam em não se ater à dicotomia existente entre pesquisa quantitativa e qualitativa. Ainda, a todos que buscam na pesquisa qualitativa, soluções metodológicas para a análise da realidade, que não é ordenada, mensurada e objetiva, e sim caótica e pouco linear.

**CAROLINA MESSORA BAGNOLO**

Graduada em Ciências Sociais (Unicamp), Mestre em Sociologia (Unicamp) e  
Doutoranda em Educação (Unicamp).  
E-mail: [carolina\\_mbaqnolo@yahoo.com.br](mailto:carolina_mbaqnolo@yahoo.com.br)

Artigo recebido em: 08/06/2007  
Artigo para publicação em: 20/12/2007